



marília garcia



câmera lenta
e outros poemas

COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXIX

CÂMERA LENTA

[2017]

© 2019, Marília Garcia
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Câmera Lenta e Outros Poemas*
Autora: Marília Garcia
Posfácio: Victor Heringer
Coordenador da colecção: Pedro Mexia
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Outubro de 2019

ISBN 978-989-671-511-3
DEPÓSITO LEGAL N.º: 461375/19

HOLA, SPLEEN

um dia
ela me disse
«hola, spleen»
e eu demorei mas depois
percebi que era uma
frase sobre
o *tempo*.

talvez
um jeito de dar
as boas-vindas,
mas a gente nunca sabe
o que vem adiante.
um dia quis ler em voz alta
um poema chamado
«hola, spleen»,
mas quando chegou a hora
fiquei totalmente
sem voz.

se tivesse gravado
o poema antes,
podia *ligar a voz*
e tocar em vez de ler,

mas eu não tinha
uma voz gravada
e não havia como produzir
voz.

então, combinei
que faria a leitura outro dia
e ainda faltava um mês
para chegar a leitura que vou chamar
aqui de *caixa-preta*
e eu não tinha ideia
de como eu estaria no dia da *caixa-preta*
e pensei que se este mês
seguisse o ritmo acelerado
e catastrófico do último ano
tanta coisa já teria
acontecido hoje,
que me dava medo
imaginar.

assim,
esta voz que fala aqui
é a voz de uma marília de um mês atrás
é a *minha voz* falando a partir do passado,
é a minha voz,
mas sem controle.

há um mês eu não tinha
como prever nada
e fiquei me
perguntando:

– como fazer para essas palavras escritas
há um mês dizerem algo
sobre estar aqui
agora?
e eu não soube responder.
então, fiquei me perguntando
se hoje estaria chovendo
ou fazendo sol,
se faria frio ou não,
e se haveria poeira no ar.
eu sempre me surpreendo
com a poeira que turva a vista:
de repente no meio do dia
uma poeira que se ergue,
uma nuvem
de poeira,
pode ser a poeira vinda das coisas quebradas
todos os dias na vida das pessoas
e eu fiquei pensando
se estaria muito seco nesse dia ou não
e pensei que talvez a gente pudesse
fazer silêncio
e deixar a escuta aberta
para ouvir.

talvez a gente pudesse fazer silêncio
e de repente neste silêncio
acontecer de *ouvir algo por detrás*
dos ruídos das máquinas que
cruzam o céu.

talvez não desse para ouvir as máquinas voadoras
neste dia,
foi o que pensei,
mas eu me enganei
porque hoje
desde cedo
os helicópteros estão voando.

– vocês estão ouvindo?
um som infernal
estrelas caindo do céu
em cima da cabeça
com as pontas viradas
para baixo.
o som está cada vez mais perto,
posso encostar a mão
se me viro vejo a sombra
em câmera lenta
sobre a cabeça.

imaginem que isso aqui é um quadrado
com *drones* volantes,
ou uma cena congelada
com o céu cheio de zepelins,
mas o som é um só:
barulho de máquinas
voadoras
pelo céu.

se a gente prestar atenção e fizer silêncio
– se a gente prestar atenção e fizer

silêncio –
pode ser que ouça
alguma mensagem
perdida no ar.

UMA LINHA QUE NÃO FECHA

aqui o rio é verde, tem o mesmo tom do
gradil da ponte. um dia você
disse que a única coisa verde
dessa cidade
era o rio.

o resto,

disse,

só galho seco.

o resto não apaga, pensei,
e hoje quando cruzei a ponte
lembrei da sua voz
na gravação:
– é uma linha que nunca se fecha.
os anos vão passando
e a gente em cidades
diferentes –
quando vi o rio passando
lembrei dessa linha e do dia em que
nos conhecemos.

você sabe o que se diz para alguém
no primeiro encontro? ele me disse:
– sabia que nessa cidade

*quando chega o inverno
a grama entra em repouso?*

eu poderia ter dito
– *quer ver na ilha em frente
os emus australianos?*
mas não disse nada, fiquei
muda olhando a grama em repouso.

ele usava 24 tons de verde
para desenhar, só não via do lado
de fora. quando lembro
dele, não penso no verde das telas.
só penso no *buraco*:
– *como se apaga um buraco?*

hoje quando fecho os olhos
penso naquela linha que não fecha
e no primeiro dia, quando ele
disse:
– *você ainda vai me ver 3 vezes
antes do fim. fique atenta
aos sinais.*

PELOS GRANDES BULEVARES

[do lado de dentro]

o que ela vê quando fecha
os olhos? linhas sinuosas, um mapa
feito à mão, parece uma pista vista de cima –
os campos cortados ou poderia ser
uma sombra riscando o verde quando passa
lá no alto.

o que ela vê quando
olha em linha reta tentando
descrever

a garota que conheceu no café?
a transformada de
wavelets ou um peixe-lua-
-circular em uma região abissal.
não é nada abissal
estar nesta superfície,
você quis dizer *de vidro? esférico?*
ou um animal marinho em miniatura:

um polvo de 1 mm?

o cinema é 24 vezes
a verdade por segundo. este segundo
poderia ser 24 vezes a cara dela
quando fecha os olhos e vê.

[de fora]

não é por falta de repetição, mas não
encontrava a palavra exata.
o que ela vê não sabe e tudo fica tremido
se *fast forward*.

agora fecha os olhos para
entender, para ir mais
devagar.

*não se perde alguém por duas
vezes, era o que achava*
mas a essa altura chego no mesmo terminal
duas semanas depois e a cena se
repete.

– *você está tendo um problema
de realidade*, ele cochichou.
– qual é o desastre desta vez?

o que ela vê ao abrir a
claraboia? ao bater aquela foto da
ponte ou quando lê
a legenda:

«nos abismos a vida é submetida
ao frio, escuridão, pressão.
oito mil metros de profundidade»
uma montanha
ao contrário.

UMA EQUAÇÃO NO HYDE PARK

está chovendo no
hyde park hoje
e estou do outro
lado do hemisfério
sentada ao sol
com um gato
entre meus pés
que estão descalços
e levemente
avermelhados.

está chovendo no
hyde park hoje
e lembro de ter
andado num parque
de ângulos quadrados
com o menino da caixa
preta que tinha uma foto
de uma floresta nórdica
virada de ponta-cabeça na
parede do seu quarto
e que gostava de contar
até 24 depois de cruzar
o gradil.

a gente andava
no meio-fio e sentava
no parque e depois deitava e o
roupão preto felpudo
já na casa dele
e o *roommate* chamado
steve que amava
uma japonesa.

está chovendo no
hyde park hoje e não sei
o que dizer a ele
que agora está sentado
algumas mesas à frente
e que dentro de um filme
seria *alguém que diz sim*
mas não estou dentro de um
filme – ouço a voz em eco
no buraco do real –
e me refaço pensando
que podia contar
que o gps funcionou
e indicou o ponto de encontro
mas a mensagem
só chegou depois.

está chovendo no
hyde park hoje
e podia contar que meu
coração tinha sido arrancado

pela boca e que estava
esquecido sobre uma pedra
com o sangue
ainda quente.

sim, está chovendo
no hyde park
e ao inferno
já desceram
um ou dois
ou
três
mas ele
há de subir
atravessando as curvas,
o belvedere, os espaços dirigíveis
«ogni speranza lasciate
voi che entrate»
– *há mundo por vir?*
ele pergunta antes de passar
e leva na mão
um gravador
e nós cruzamos o olhar
– só por um segundo –
e não lembro mais
desse dia
mas depois o
mesmo olhar
volta à memória
como a interferência
de uma voz saindo

os pontos
cegos se espalham:

uma fossa abissal, uma nuvem
de distância e uma cidade chamada vidro ou
vértice
volpi ou verdi.

*o amor é alguém entrando
na geometria da sua mão.*

neste momento atravessa o corredor:

– *não há mais isso entre nós,*
de onde o timbre da sua voz
um efeito-estertor.
(dentro do poema
pode sentir o efeito
e nessa hora todos os porquês
ficam silenciados)

*o amor é isso, diz, não um corvo,
mas um impermeável vermelho pendurado
na janela vindo de outro poema
para tocar na sua tela.*

é você comendo o que sobrou
depois do estrondo.

o amor é este olhar que mancha
a retina na hora da emergência,
um olho cinzento que treme

sempre que muda
de hemisfério

«é difícil olhar as coisas
diretamente»,
elas são muito luminosas
ou muito escuras

2/3 deste país são feitos de água
e sempre que se vira, um
afogamento.

apenas um mergulho
dizia a imagem. *vamos ver o deserto,*
andar pelo centro do mundo?

mas isso é um dicionário
e é sobre uma *love story*.

[*love story*, de a-z]

a curva, a chuva, um clarão
a curva, o estrondo – você lembra
a retina na hora da emergência
a tela vibra
afogamento
andar pelo
apenas um mergulho
cegos se espalham
de distância
de hemisfério

de onde o timbre
dentro do poema
depois
depois ela acabou
diretamente
disse na hora?
dizia a imagem
dois terços desse país
e é sobre uma lovestory
e é sobre uma lovestory
e nessa hora todos os porquês
e sempre que se vira
é difícil olhar as coisas
é você comendo
em que o carro
ficam silenciados
foi embora
luminosas
mas isso é um acidente
mas isso é um dicionário
mas quando acende a luz
mas um impermeável
na geometria
na janela
não há mais
não um corvo
neste momento
o amor é um efeito especial
o amor é alguém entrando
o amor é este olhar que mancha
o amor é isso

os pontos
ou
para tocar na sua tela
pensa que viu tudo
perguntando
pode sentir
primeiro
sempre que muda
três horas na chuva
um dedo pausa
um efeito-estertor
um olho cinzento
uma fossa abissal
uma nuvem
vértice
você entre as ferragens
você lembra
você lembra o que
você lembra o que disse na hora
volpi ou verdi

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| CÂMERA LENTA [2017] | |
| hola, spleen | 7 |
| 1. | |
| uma linha que não fecha | 15 |
| pelos grandes bulevares | 17 |
| uma equação no hyde park | 19 |
| é uma <i>love story</i> e é sobre um acidente | 23 |
| estereofonia | 28 |
| em loop, a fala do soldado | 30 |
| antes do encontro | 31 |
| bzzz | 34 |
| noite americana | 36 |
| PAUSA | |
| tem país na paisagem? (versão compacta) | 41 |
| 2. | |
| plano b | 49 |
| capítulo II, por intermédio do naturalista | 51 |
| um quadrado que cega | 53 |
| descreva: longilínea | 55 |
| descreva: parede | 57 |
| de cima | 59 |
| terremoto | 61 |
| diferenças | 63 |
| aqui começa o loop | 65 |

| | | | |
|--|-----|---|-----|
| EPÍLOGO | | INÉDITOS | |
| estrelas descem à terra (do que falamos quando falamos de uma hélice) | 71 | praia dos ingleses | 197 |
| PARIS NÃO TEM CENTRO [2016] | | gêmeos irlandeses | 203 |
| 1. [passagem de érica zíngano] | 97 | dias contados | 206 |
| 2. [o sim contra o sim] | 113 | história natural | 209 |
| 3. [voltar pra casa com sol lewitt] | 117 | | |
| 4. [miragem com lu menezes] | 122 | Posfácio: Itinerário caprichoso, <i>Victor Heringer</i> | 213 |
| de UM TESTE DE RESISTORES [2014] | | | |
| ordem alfabética | 127 | | |
| no aeroporto schönefeld de berlim | 131 | | |
| uma partida com hiliary kaplan | 135 | | |
| na 19.ª edição da meia maratona de lisboa | 139 | | |
| a poesia é uma forma de resistores? | 142 | | |
| ENGANO GEOGRÁFICO [2012] | 153 | | |
| de 20 POEMAS | | | |
| PARA O SEU WALKMAN [2007] | | | |
| svetlana | 175 | | |
| le pays n'est pas la carte, | 177 | | |
| M.A. | 179 | | |
| de dentro da caixa verde | 181 | | |
| regra fácil | 183 | | |
| trocadéro | 185 | | |
| duas vozes | 187 | | |
| 20 poemas para o seu walkman | 189 | | |
| sant elm | 192 | | |
| uma mulher que se afoga | 194 | | |

câmera lenta
e outros poemas



de Marília Garcia
foi impresso na Rainho & Neves,
em papel CoralBook de 90 g,
em Setembro de 2019.

